



A CRIANÇA QUE CONVERSAVA COM A NOITE: FERIDAS INVISÍVEIS EM SILÊNCIO

Ana Laura Aparecida dos Santos Eloi¹

Thiago Ferigati Squiapati Nicolau²

Resenha do livro: O menino que se alimentava de pesadelos

Autora do livro: Jo Yong

A resenha aborda como tema: Fundamentos Filosóficos, Sociológicos e Antropológicos da Educação

Introdução:

A narrativa de *O Menino que Se Alimentava de Pesadelos* convida o leitor a mergulhar na complexidade emocional da infância, em que sentimentos negados, dores silenciosas e lembranças traumáticas são traduzidos por meio da simbologia dos pesadelos. A obra apresenta a jornada de um menino que, atormentado por medos e memórias que não consegue compreender, acredita que apagar suas experiências dolorosas seria a única forma de seguir em frente. Ao transformar o trauma em metáfora e a dor em poesia, o texto revela como a violência emocional — muitas vezes invisível aos olhos adultos — molda subjetividades e se esconde nos cantos mais profundos da memória infantil. Assim, o livro se torna não apenas uma história sensível, mas também um instrumento pedagógico que dialoga com a importância da expressão emocional, da escuta atenta e da construção de espaços seguros para que a criança possa elaborar aquilo que a fere. Essa introdução abre caminho para uma reflexão mais ampla sobre a

¹ Discente do Curso de Pedagogia no Centro Universitário UNIFAFIBE.

² Doutorando em Educação e Mestre em Letras. Docente no Centro Universitário UNIFAFIBE.



relação entre literatura, trauma e desenvolvimento infantil, sem revelar detalhes essenciais do enredo, mas situando o leitor no universo simbólico e afetivo que a obra propõe explorar.

Palavras-chave: trauma infantil. violência emocional. pesadelos. desenvolvimento emocional. literatura pedagógica.

A coleção da qual *O Menino que Se Alimentava de Pesadelos* faz parte reúne narrativas breves, sensíveis e profundamente simbólicas que, sob a estética de fábula contemporânea, exploram temas essenciais ao desenvolvimento humano. Escritas para dialogar com leitores de todas as idades, essas obras operam como ferramentas pedagógicas que favorecem a alfabetização emocional ao abordarem medos, autoestima, empatia, coragem, luto, frustração e vínculos afetivos. Cada livro apresenta o conflito interno de uma criança e o converte em metáfora poética, permitindo que o leitor compreenda a complexidade das emoções e encontre, na literatura, caminhos de reflexão e elaboração simbólica. Por essa razão, a coleção se destaca como recurso valioso para educadores e famílias, ampliando a sensibilidade, o repertório emocional e a capacidade de escuta ativa dentro e fora da escola.

Há livros que encantam pela fantasia, outros pela linguagem, e há aqueles que atravessam o leitor por sua coragem de tocar o indizível. *O Menino que Se Alimentava de Pesadelos*, de Jo Yong, integra esse último grupo: uma obra que, sob uma superfície simples, carrega densidade suficiente para discutir temas silenciados na infância, como traumas, violência emocional e a urgência do cuidado. Publicado pela editora Intrínseca em 2021, o livro convida a uma reflexão ética e pedagógica sobre



a infância como território onde sonhos e pesadelos coexistem, confrontando-se ou escondendo-se em silêncio.

A narrativa acompanha um menino marcado por lembranças dolorosas, que o leitor percebe por meio de seus medos e reações, mesmo que o texto não descreva explicitamente o que ele sofreu. O protagonista, sem conseguir compreender aquilo que o fere, deseja esquecer — não enfrentar — as marcas deixadas por uma infância permeada por exigências duras, afetos negados e palavras que diminuem. Cada pesadelo que o visita é a representação simbólica dessas feridas: experiências que não deixaram marcas no corpo, mas feriram sua subjetividade. Ao tentar eliminar tudo o que o machuca, ele busca a ajuda de uma bruxa, figura misteriosa que promete apagar suas memórias dolorosas. Contudo, a magia da bruxa cobra um preço: cada pesadelo “engolido” apaga também uma parte essencial de quem ele é.

A bruxa, nesse contexto, funciona como metáfora dos mecanismos psíquicos de esquecimento — o recalque, a repressão, a fuga emocional. Ela representa o desejo infantil (e muitas vezes adulto) de adormecer o trauma para não senti-lo. No entanto, assim como na psicologia, o esquecimento não é cura: é suspensão. E tudo aquilo que é silenciado retorna de outras formas, como medo difuso, ansiedade ou vazio. No livro, esse retorno se concretiza na transformação do menino em um “Homem Sem Alma”, alguém incapaz de sentir plenamente porque suprimiu aquilo que o constituía.

A partir dessa metáfora, torna-se evidente que o protagonista simboliza as muitas crianças que carregam sombras invisíveis dentro de si. Elas aprendem cedo a reorganizar sentimentos em gavetas secretas, acreditando que o silêncio é proteção. A violência emocional, mais sutil que a física, porém igualmente devastadora, aparece nos gestos que rejeitam, na ironia cruel, no desdém pelas emoções infantis, nos ambientes instáveis onde



o afeto é condicionado. O livro sugere, de forma delicada, como essas experiências se convertem em traumas silenciosos, capazes de moldar a percepção que a criança constrói sobre si e sobre o mundo.

Ainda que a obra não trate diretamente da violência sexual, apresenta um tipo de violência em que o aspecto mais afetado é o emocional. O simbolismo do esquecimento toca em questões profundas relacionadas à dissociação: quando a dor é grande demais, a mente infantil tenta apagar para conseguir sobreviver. A narrativa, assim, ilumina o funcionamento psíquico dos traumas mais graves, demonstrando como eles permanecem, mesmo quando ocultos, influenciando vínculos, identidades e comportamentos futuros.

O livro também revela a tendência infantil de acreditar que esquecer é a solução. O protagonista deseja apagar medos, vergonhas e perdas, mas, ao fazê-lo, percebe que a eliminação das memórias dolorosas apenas amplia o vazio. Sua identidade se fragmenta, pois cada “pesadelo apagado” é um pedaço de sua história que desaparece. Essa construção dialoga diretamente com perspectivas psicanalíticas: o trauma recalcado não some; ele apenas muda de forma, retornando como fantasia, irritabilidade, retraimento ou medos sem nome. Muitas crianças, diante de acontecimentos que as assombram, procuram silenciar-se, sobretudo quando vivem em famílias onde a conversa não é uma opção e onde predomina a violência física ou verbal; nesse contexto, guardar para si aquilo que incomoda parece a única alternativa possível.

A narrativa evidencia como a violência emocional é frequentemente normalizada pelas relações familiares e sociais. Crianças, dependentes da validação adulta, desenvolvem estratégias para pertencer, mesmo que isso exija esconder suas dores. O menino do conto reflete, assim, as infâncias que permanecem invisíveis: crianças que sofrem em silêncio para não serem



desacreditadas, humilhadas ou punidas. A obra denuncia essa realidade com suavidade poética, mas firmeza ética.

No campo pedagógico, o livro oferece terreno fértil para discutir o papel da escola no acolhimento das vulnerabilidades emocionais. Os efeitos da violência emocional aparecem no rendimento escolar, na dificuldade de socialização, na autoimagem, na capacidade de confiar. A escola, portanto, pode tornar-se lugar de reconstrução simbólica — onde a criança, pela primeira vez, é vista com inteireza, sem o peso do julgamento que a feriu.

O educador, nesse processo, atua como adulto de referência: não substitui a família ou o psicólogo, mas garante um espaço de escuta, validação e segurança emocional. Ao trabalhar a obra com crianças, o pedagogo pode abrir caminhos para conversas sobre medos, coragem, escolhas, e sobre o direito de sentir — um direito tantas vezes negado. Atividades como rodas de conversa, artes visuais, escrita expressiva e leitura compartilhada transformam o livro em dispositivo pedagógico capaz de ajudar o aluno a transformar seus “pesadelos” internos em palavras e compreensão.

Nesse sentido, a literatura atua como ponte entre o indizível e o nomeável. Permite que a criança se enxergue na narrativa sem precisar se expor diretamente; oferece-lhe um espelho suave, onde sua dor é reconhecida, mas não julgada. A obra rompe o isolamento que o trauma impõe, devolvendo à infância a possibilidade de expressar aquilo que foi silenciado. A literatura presente no livro traz como uma de suas mensagens centrais, de forma didática e metafórica, a importância de revelar o que incomoda — aquele dia fatídico em que o trauma, não elaborado, se transformou em pesadelo — pois, nesses casos, a expressão e a fala sempre serão caminhos mais saudáveis do que o silêncio.



A simbologia dos pesadelos assume, então, papel central. Eles não são apenas visões aterrorizantes, mas representações do inconsciente tentando processar o que foi vivido. Cada sonho ruim do menino é uma tentativa de organizar internamente o trauma que ele tenta apagar. Por isso, a tentativa de eliminá-los é também uma tentativa de eliminar sua própria história.

O livro ensina que enfrentar a dor é condição para crescer. A felicidade, na obra, não aparece como ausência de sofrimento, mas como resultado da elaboração. O protagonista descobre que só pode reencontrar sua alma — sua sensibilidade, sua capacidade de sentir — quando aceita olhar para o que o machucou. A obra comunica, assim, uma verdade fundamental: felicidade não é esquecer; é compreender.

Ao final, o leitor reconhece que *O Menino que Se Alimentava de Pesadelos* é uma narrativa sobre cura: não uma cura mágica, mas aquela que nasce da escuta, do afeto, do enfrentamento acompanhado. Trata-se de uma obra humanista, que ultrapassa os limites da literatura infantil ao convidar adultos a repensarem como tratam as dores das crianças — dores que não diminuem por serem pequenas.

O livro denuncia a violência emocional — uma das mais naturalizadas e menos discutidas na sociedade — e revela como ela prejudica profundamente o desenvolvimento infantil. Convida educadores, pais e cuidadores a reconhecerem que crianças sentem com profundidade, sofrem em silêncio e carregam pesadelos que nem sempre sabem nomear. Jo Yong nos lembra que não é a criança que deseja esquecer; é o adulto que deseja não ver. E, ao devolver voz ao silêncio infantil, a obra mostra que a verdadeira cura não está no apagar, mas no transformar — transformando dor em palavra, medo em coragem, e silêncio em possibilidade de renascer.

A obra destaca-se pela capacidade de traduzir sentimentos complexos da infância por meio de uma escrita simples, porém profundamente

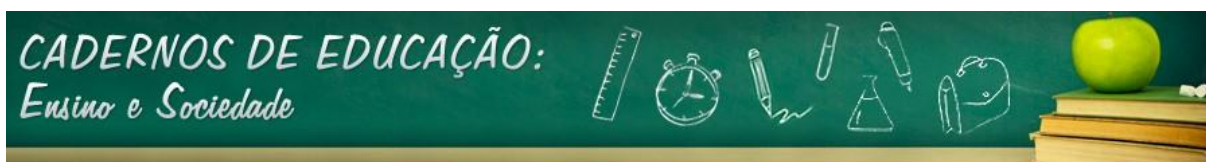


simbólica. A escolha de representar traumas emocionais como pesadelos que o menino tenta “engolir” revela a sofisticação narrativa de Jo Yong, que transforma a dor em imagem poética sem suavizar sua gravidade. Do ponto de vista literário, o texto se equilibra entre a delicadeza da fábula e a contundência da experiência emocional, permitindo que leitores de diferentes idades encontrem camadas distintas de sentido. A crítica reconhece que a obra acerta ao não romantizar o sofrimento infantil, abordando-o de

forma honesta e sensível, sem cair em explicações didáticas demais ou narrativas moralizantes.

A crítica destaca que o autor expõe, com sutileza e profundidade, o perigo do silêncio imposto ou aprendido — aquele que transforma experiências traumáticas em sombras persistentes. Ao final, a obra se revela como mais do que uma narrativa infantil: ela se estabelece como um recurso de apoio ao diálogo sobre violência emocional e elaboração de sentimentos, reafirmando o papel da literatura como ferramenta de cuidado, acolhimento e conscientização.

Diante de sua profundidade emocional e de sua delicada construção simbólica, *O Menino que Se Alimentava de Pesadelos* revela-se uma valiosa ferramenta pedagógica para aqueles que acompanham o desenvolvimento infantil, especialmente pedagogos e responsáveis. A obra oferece um caminho sensível para dialogar sobre sentimentos difíceis, permitindo que adultos compreendam, de forma mais ampla, a complexidade dos medos e silêncios que muitas crianças carregam. Ao transformar traumas e violências emocionais em metáforas acessíveis, o livro favorece a escuta, o acolhimento e o fortalecimento de vínculos, tornando-se um apoio significativo tanto em contextos educativos quanto familiares. Recomenda-se, portanto, sua leitura atenta por todos que desejam promover ambientes seguros, emocionalmente



saudáveis e abertos ao diálogo, reconhecendo na literatura uma aliada indispensável na construção de infâncias mais cuidadas e compreendidas.

Referências:

EGRY, Emiko Yoshikawa et al. Enfrentar a violência infantil na Atenção Básica: como os profissionais percebem?. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 70, n. 1, p. 119-125, 2017.

NUNES, Ana Clara Pereira et al. Violência infantil no Brasil e suas consequências psicológicas: uma revisão sistemática. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 10, 2020.

SALES, Willian Tihago Quirino; DA COSTA, Lizandra Larissa Beserra. Violência intrafamiliar infantil psicológica e a relação com a dependência emocional na vida adulta. *Revista Cathedral*, v. 5, n. 4, p. 87-98, 2023.

YONG, Jo. *O Menino que Se Alimentava de Pesadelos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. 26. ed.